

## José Luiz Braga: contribuições para a relação Comunicação/Educação<sup>1</sup>

Rose Mara PINHEIRO<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar a contribuição do professor José Luiz Braga para a relação Comunicação/Educação. O texto tem como base a minha tese de doutoramento<sup>3</sup>, defendida em 2013, que faz uma reflexão a partir de um comparativo de publicações do autor, de 2001, *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*, de 2010, *Nem rara, nem ausente – tentativa*, e de 2012, *Interação como contexto da Comunicação*. A ideia é mostrar sua trajetória, principais conceitos e pensamentos a respeito das duas áreas e suas interfaces. Por fim, reproduzo parte de uma entrevista exclusiva concedida a mim pelo autor no início de 2013, que evidencia algumas questões-chave para entender seu pensamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação/Educação; Educomunicação; Pensamento Comunicacional.

### Relevância do Autor

José Luiz Braga é um investigador no sentido amplo da palavra, aquele que quer esquadrihar, desvendar os segredos, nesse caso, o fenômeno da Comunicação. Ao longo de sua trajetória esteve à frente de inúmeras pesquisas que reúnem características teórico-metodológicas indispensáveis para refletir sobre o campo, mais abrangente, da Comunicação.

Sua variada formação intelectual - graduado em Direito, com especialização em Ciências Políticas, mestre em Educação e doutor em Comunicação – sem dúvida está presente em sua vasta produção acadêmica, apresentando uma visão crítica e ao mesmo tempo didática sobre a sociedade atual e suas relações.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Docente do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Email: [rose.pinheiro@ufms.br](mailto:rose.pinheiro@ufms.br)

<sup>3</sup> O trabalho completo, intitulado “A Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica, com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo”, está disponível na Biblioteca Digital da USP: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/pt-br.php>

---

É atualmente um dos pesquisadores brasileiros que tem se destacado na área de reflexão epistemológica sobre o campo científico da Comunicação, figurando entre os vinte autores mais citados em teses e dissertações nos programas de pós-graduação analisados por Romancini (2006). Na mesma pesquisa, Braga aparece também entre os mais citados em duas subáreas de Comunicação: Comunicação Audiovisual (Cinema, Rádio e TV) e Mediações e Interfaces Comunicacionais.

Apesar de ter voltado suas pesquisas para outras problematizações, as questões levantadas no livro de 2001 acompanham o autor em sua trajetória, como a questão das interações e interfaces, a midiaticização da sociedade e a interdisciplinaridade. O objetivo é apreender o que seja o fenômeno comunicacional. E é justamente nesse sentido que o autor tem focado suas mais recentes pesquisas e publicações.

### **As questões delicadas da interface**

Antes de apresentar as interfaces da Comunicação e Educação, Braga traça detalhadamente as características tanto de uma quanto de outra área, mostrando claramente suas influências sobre a sociedade e a total dependência desta para a elaboração de processos simbólicos e educativos. Para ele, as questões são delicadas em função de os dois campos serem “abrangentes e avassaladores”, e que se invadem mutuamente, numa forte relação de fluxo.

Além disso, Braga apresenta razões para esclarecer a sutileza das articulações entre os dois campos:

1. A confluência de lógicas diferenciadas
2. Sérias e constantes mutações – processo de reconstrução permanente – espaço de experimentação e risco
3. Espaço de dúvida e incerteza
4. Posicionamentos generalizados e simplificadores de deslumbramento por processos tecnológicos
5. Complexas – que não admite respostas simples

Nessa perspectiva, o autor apresenta a principal característica da interface: a interdisciplinaridade, “na qual os campos trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum” (p.56). Para Braga, é importante qualificar as “relações de fluxo”, levando em conta as complexas relações na fronteira, que geram inúmeras tensões, hesitações e ansiedades dos dois lados.

## **Interfaceamento e Interacionalidade**

A partir dessa posição, Braga observa diferentes ângulos dessa interface, tanto do ponto de vista de ações de construção educacional, como: a) o uso de meios nos processos formais de ensino (presencial e a distância), que em “síntese poderia ser descrita como o trabalho com meios, tecnologias e produtos mediatizados sob a ótica da educação”; b) o encontro entre o sistema escolar e a própria sociedade de comunicação, numa proposta complementar de “estudos para os meios na escola” e de “leitura crítica”, aqui o desafio é maior do que a simples utilização ou inclusão de tecnologias no ambiente escolar; quanto do ponto de vista de ações de construção comunicacional, como: a) a sociedade mediatizada impondo sua presença e oferecendo forte concorrência e atração frente à escola; nesse sentido, a aprendizagem fora do ambiente escolar se apresenta de forma mais sedutora, diversificada, ágil e vívida, solicitando uma nova relação escola/aluno; b) a multiplicação dos dispositivos de mediação e circulação dos saberes de modo acelerado. “Aprende-se de outro modo, outras coisas”.

Outro espaço de interfaceamento, para Braga é a velocidade da atualização e disponibilização dos conteúdos e programas curriculares. É impossível para a escola acompanhar o imediatismo da mídia. A própria interação entre os campos especializados e a sociedade leiga, decorrente da disponibilização de conteúdos pela mídia, é uma área delicada para o autor.

O desafio aqui é duplo: para a escola, o de encontrar modos próprios de interagir com a atualidade acelerada. Para a mídia, o de inscrever essa atualidade em referências de percepção pública geral e leiga que, entretanto, viabilizem a construção de relacionamentos e sistematizações. (p.67)

A questão também da acentuada visibilidade e a crise de legitimidade, próprias da sociedade contemporânea, também representam para o autor uma situação delicada, uma vez que a escola se vê “na berlinda”, tendo de prestar contas para a sociedade de seus processos de ensino/aprendizagem. Dessa forma, há uma percepção de que o sistema educacional e seus processos e objetivos estão em constante observação mediática.

O pesquisador chama a atenção para a transdisciplinaridade, o que ele considera como “talvez o ângulo de interação mais relevante entre os dois campos”. Aqui aparece a ideia de complementaridade, “na qual os processos, conceitos e reflexões de um

---

campo sejam postos, todos a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho em comum”. (BRAGA&CALAZANS, 2001, p. 70).

O autor apresenta ainda o conceito de interacionalidade ao invés de interatividade, que em sua visão já se tornou restrito a relações do tipo conversacional. Já a expressão interacionalidade é a “característica geral dos meios de comunicação de tornar possível algum tipo de interação”, seja de diálogo, seja na relação homem/máquina, homem/produto (interpretação), pessoas entre si sobre produtos, interações diferidas ou difusas, próprias do processo de comunicação mediático. A abrangência desse conceito é o seu grande diferencial, uma vez que não se limita aos meios considerados “interativos”.

Para enfrentar esse complexo desafio, Braga considera também a exigência de um novo perfil profissional, que tenha “sensibilidade” para trabalhar com essas questões.

### **Comunicação de Massa x Sistema Educacional**

Para tratar das interfaces de Comunicação e Educação, Braga define, situa e apresenta cada um dos campos separadamente. A comunicação se coloca em sua forma atual a partir do início do século XX, encontrando maior relevância na sociedade com o crescente desenvolvimento das tecnologias mediáticas, mas, é a conversação, enfatizando, sobretudo, a troca comunicacional, o objeto do campo da comunicação.

Uma maneira (intuitiva e não definidora) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata de processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que veem engajados e toda e qualquer atuação que solicita co-participação. A comunicação é também o que decorre do esforço humano de enfrentar as injunções do mundo e de desenvolver aquelas atuações em direção a seus objetivos – o próprio ‘estar em contato’, quer seja solidário quer conflitivo – e provavelmente com dosagens variadas de ambos, por coordenação de esforços ou por competição e dominação. (p.16-17)

É interessante observar esse entendimento do que seja a comunicação, tanto para entender a que se refere na relação com a educação, mas também para notar a construção da “teoria tentativa”, que mais tarde será desenvolvida por Braga. Para resgatar a ênfase nas mídias, na perspectiva da Comunicação, ele também explica que se trata de “um fenômeno que põe, em causa, modos habituais de conversação social, modificando-os” (p.18).

---

É com esse foco que o autor situa a sociedade mediatizada, que não apenas acrescenta instrumentos, mas altera seus processos de comunicação a partir das mediações tecnológicas que desenvolvem as interações sociais. As características de inclusividade e penetrabilidade da Comunicação modificam percepções e trazem novas experiências (“tentativas”) de construção do social.

Em relação à Educação e o sistema educacional, Braga faz uma retrospectiva das ações de aprendizagem na sociedade e mostra a influência do Iluminismo na concepção e na fragmentação do ensino e do processo de formação do indivíduo. Nesse sentido, a Educação é legitimada para o ensino e a aprendizagem e passa a oferecer um sistema gerador de “identidades educacionais” para inserção da população na sociedade.

Com as mudanças provocadas no século XX, a escola, que sempre se moveu sobre “linhas de tensão” com a sociedade, se depara com novas questões e desafios, como por exemplo “formar para a mudança”. Aqui o autor enfatiza uma dupla perspectiva: “a meta de educar para mudar a sociedade e a meta de educar para uma sociedade em mudança”. Outro exemplo de tensão citado é a educação voltada para os valores culturais e para a vida em geral em contraste com uma educação para o desenvolvimento, produtivista e especializante. No final, o que se entende é que não há mais padrões, normas universais e generalizantes. A diversidade, o local, a descentralização, a individualidade promovem e dinamizam a relação da educação com a sociedade.

### **A teoria tentativa**

Em 2010, Braga apresenta uma tese sobre os fenômenos comunicacionais caracterizando-os como “tentativos”. A teoria tentativa é defendida tendo como referência cinco teses apresentadas pelo professor Ciro Marcondes Filho, em 2004, e é fundamentada a partir de pelo menos dois ângulos. O primeiro, que caracteriza o fenômeno comunicacional como *probabilístico*, no sentido de imprevisível, o que significa que “alguma coisa pode acontecer”. O segundo, que considera os processos comunicacionais *aproximativos*, que analisa o critério de sucesso ou a eficácia do processo comunicacional.

Assim, em coerência com nossa tese, comunicação não é só aquela de valor alto, do sucedimento precioso e raro – mas toda troca, articulação, passagem entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais – frequentemente desencontrada, conflitiva, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que

---

ultrapassam ou ficam aquém das intenções (que, aliás, podem ser válidas ou rasteiras). Comunicação é o processo voltado para reduzir o isolamento – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer. A comunicação é sempre performativa, qualquer que seja o resultado – admitindo, exatamente porque tentativos (com variada probabilidade e baixa precisão), que o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis, geralmente de reduzida qualidade.(p.69)

Além disso, Braga considera tanto a “tentativa do participante” do processo em obter sucesso na interação com o outro, mas principalmente a “tentativa do processo” em si, que “se manifesta pela produção social de dispositivos interacionais”. Esses dispositivos estão presentes nas interações pessoais ou nos processos mediatizados de massa ou via Internet. É importante observar que os participantes dispõem de regras e padrões que asseguram a probabilidade de sucesso do processo comunicacional. Nesse contexto, aparecem as estratégias que favorecem ou não os participantes.

Consideramos que o fenômeno é estruturalmente tentativo e que não poderia ser de outro modo. O resultado das interações comunicacionais será talvez tanto mais provável quanto menos modificador das relações sociais e humanas; e tanto menos provável quanto mais modificador. (p.66)

A efetividade do processo comunicacional aqui parece estar associada ao grau de mudança que o próprio processo pode provocar nos envolvidos.

Braga busca uma base epistemológica para a tese da tentativa nos estudos da linguagem, enfatizando a crítica à predominância do código como insuficiente para o entendimento da interação em perspectiva comunicacional. Segundo ele, são os processos inferenciais, não codificados, que permitem a compreensão. “Entre o código e o seu uso incidem as condições extralinguísticas do mundo, do pensamento, das relações entre os participantes da interação, das conjunturas do episódio – que pedem um processo adicional ativo (inferências) para completar a comunicação”. (p.75)

Em busca de uma síntese, a interpretação dos participantes do processo comunicacional, bem como o ajuste de repertório, estão intrinsecamente ligados e influenciam no resultado final dessa interação. Portanto, marcados pela incerteza e imprecisão, os fenômenos comunicacionais tentativos promovem interações com margens de ensaio e erro.

Simplificadamente, podemos dizer que a parte de inferência é que permite atualizar o código para além de um processo literal e mecânico de codificação/decodificação que não faria mais que transmitir informação – componente possível do processo

---

comunicacional, é claro, mas nem de longe podendo caracterizá-lo como um todo. (p.77)

### **O diálogo com Ciro Marcondes Filho**

A revista *Matrizes* proporcionou o espaço de debate entre as ideias dos pesquisadores José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho sobre o fenômeno comunicacional. A partir da polêmica levantada pela exposição da teoria tentativa, que questiona as teses apresentadas por Marcondes em 2004, outros dois artigos publicados respectivamente em 2011 e 2012 reforçam o diálogo e a reflexão em torno de uma definição para comunicação.

Esse tema muito interessa à interface Comunicação/Educação porque trata do entendimento sobre o fenômeno comunicacional, que não deve ser reduzido à presença midiática ou mesmo aos dispositivos tecnológicos. A questão do diálogo, da interação e da própria reflexão epistemológica sobre o campo da comunicação e suas subdivisões é muito oportuna para essa tese e para o paradigma da Educomunicação, uma vez que a relação com o outro e a mudança são características dessa interface.

Num primeiro momento, a réplica de Ciro Marcondes Filho, em 2011, celebra a discussão epistemológica provocada por Braga afirmando que existe pouca análise do que seja a comunicação. Para ele, essa falta de definição e, sobretudo, de objeto da comunicação faz com que a área sofra de identidade e de afirmação no sentido de “saber soberano”. Atualizando seu texto de 2004<sup>4</sup> e tendo como premissa o “*Princípio da razão durante*”<sup>5</sup>, Marcondes Filho afirma que “comunicação é efetivamente interação,

---

<sup>4</sup> Marcondes Filho apresenta *O princípio da razão durante* em 2010 numa coleção de cinco livros que discutem uma nova teoria da comunicação, que firma-se no conceito de Acontecimento. “A intenção da Nova Teoria foi exatamente a de procurar um paradigma que se aplicasse a todas as formas de comunicabilidade humana, considerando que (a) a comunicação nem sempre acontece, por mais que as pessoas se empenhem nisso, (b) há níveis diferenciados qualitativos de comunicabilidade, (c) a comunicação constrói sentidos, o que não é o mesmo que dizer que ela opera com significações, (d) ela tem um momento exato para acontecer (ou não acontecer), (e) ela ocorre numa atmosfera, numa cena específica, onde o atrito dos corpos provoca o surgimento do novo e, finalmente, (f) diferente da sinalização e da informação, ela é aquilo que efetivamente transforma”. MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo: nova teoria da comunicação III* / tomo I. São Paulo: Paulus, 2010, p. 8.

<sup>5</sup> “Razão durante é o princípio segundo qual o acontecimento tem sua existência, seu efeito e sua força na fração de tempo exata de sua realização. (...) Por isso, a comunicação só pode ser apreendida na brevidade de sua ocorrência”. (MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III*. Tomo V. São Paulo: Paulus, 2010, p.91) Para investigar ou observar o fenômeno da comunicação, Marcondes Filho apresenta o metáporo (meta + poros), um “quase-método”, que ao contrário do método que demonstra um caminho ou uma rota instituída, possibilita uma passagem livre, espontânea, aberta para o desbravamento, o descobrimento.



---

pela qual surge algo verdadeiramente novo”. Ao mesmo tempo, refuta a ideia de “comunicação-comunhão” para explicar que:

A comunicação é um processo muito raro porque envolve uma relação qualitativa com o mundo, que supõe minha disponibilidade de receber esse novo, um encontro com a alteridade do outro, uma experiência efetivamente diferente com aquilo que me acontece. São fenômenos qualitativos, jamais redutíveis à lógica da proporcionalidade ou da fragmentalidade. (MARCONDES FILHO, 2011, p.172)

Marcondes Filho critica o que chama de “mensuração da comunicabilidade”, rebatendo a ideia de critérios de sucesso, de troca e de articulação presentes no processo comunicacional. Para ele, esses conceitos são ultrapassados e tidos como “doença infantil das teorias da comunicação” porque ligados à metafísica precisam de algo concreto para que a comunicação ocorra de fato. Além disso, de forma dura e objetiva, Marcondes Filho reduz a teoria tentativa a “um conceito muito pobre de comunicação” porque volta ao modelo de Shannon, da década de 50.

Para nós, a comunicação é um fenômeno que ocorre raramente porque nossa vida social é muito mais marcada pelos processos de sinalização e de informação. O que vem a ser isso? Quando torno pública minha opinião, é provável que o outro a ignore; pode ser também que ele a ouça mas apenas efetue o registro; ou ainda, que a considere e passe a pensar a respeito. São três possibilidades. No primeiro caso, nada acontece; eu falo, divulgo, esperneio, e ninguém me ouve. Minha voz, meu texto, minha manifestação é solenemente ignorada pelo mundo. Não passou de um sinal a mais na grande feira mundial de sinais; sinais vindos de pessoas, de aparelhos, de animais, da própria natureza. Quem liga para os sinais? Somente aquele que tenha algum interesse específico naquele sinal. Nesse momento, então, ele olha, ele ouve, ele lê. O sinal tornou-se informação. Ou jogo, ou prazer estético passageiro e inconsequente. Para uma informação tornar-se comunicação é preciso que ocorra em mim, enquanto participante de um processo comunicacional, uma transformação qualitativa radical: eu preciso liberar meu sistema, acolher, me abrir àquilo ou àquele que está me dizendo algo. Nem informação nem comunicação existem de fato. São formas de eu me relacionar com os sinais, estes sim concretamente existentes. Não posso dizer que tal coisa não seja um sinal ou que um sinal não exista. A sinalização não admite o negativo: eu não posso não sinalizar, existindo estarei sempre sinalizando. (MARCONDES, FILHO, 2011, p.176)

De certa forma, Marcondes Filho defende a ideia de que comunicação ocorre quando o outro se deixa afetar, permite ser transformado, modificado pelo contato com o outro. Por isso, ele é radical: ou ela acontece ou simplesmente não existe. Nesse ponto, o pesquisador analisa a característica da previsibilidade apregoada por Braga. Para Marcondes Filho, trata-se apenas de mais um desdobramento da ideia de



---

comunicação como instrumento, portanto metafísico. “É uma proposta política, ou ação praxiológica, como ele chama, mas não uma proposta de estudar o fenômeno comunicacional”. (p.178)

Partindo da premissa de que a comunicação ocorre nas interações sociais, Braga inicia sua tréplica concordando com Marcondes Filho no sentido de que comunicação produz algo novo.

Considero os valores comunicacionais da mudança mais variáveis, podendo ser elevados ou não. Acredito que a transformação de base comunicacional é mais sutil – pode ser autopercebida mas, com maior frequência, vamos nos impregnando de pequenas transformações imperceptíveis, até o momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou, que algo está em mudança – sendo preciso refletir ou investigar para perceber os processos e as próprias modificações, seus sentidos, seu lento amadurecimento. Um bom exemplo são as mudanças decorrentes de aprendizagem.(BRAGA, 2012, p.29)

Outro ponto de convergência, segundo Braga, é o “âmbito do recebimento”, enfatizando a escuta como componente processual das interações em sua produção de sentido. Em contrapartida, o autor constata diferentes graus de recebimento, disponibilidade e acolhimento, o que vai impactar diretamente a maneira como somos afetados no contato com o outro.

Braga rebate efetivamente a inferência feita por Marcondes Filho que restringe a teoria tentativa ao participante, buscando apenas o entendimento correto da mensagem pelo receptor. As tentativas do processo, mais relevantes nesse sentido, são verdadeiras invenções sociais, portanto, não estão restritas a decodificação de mensagens. Ao mesmo tempo em que entende a comunicação como processo, Braga admite que “não se pode abandonar a reflexão sobre o papel das mensagens no processo de comunicação”.

Apesar de ambos defenderem questões em relação ao imprevisível, ou seja, ninguém tem como assegurar o resultado do fenômeno comunicacional, os autores têm ideias dissonantes sobre processo e acontecimento. Para Marcondes Filho, “é uma questão de decisão: ou optamos pelo processo ou pelo acontecimento. São ocorrências distintas”.<sup>6</sup> A diferença crucial é a continuidade, linearidade presente na ideia de processo, ao contrário da singularidade do acontecimento.

---

<sup>6</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III. Tomo V. São Paulo: Paulus, 2010, p. 30.

---

Em última análise, Braga faz uma diferenciação entre probabilidade, controle e intervenção. Sobre o primeiro termo, reitera a ideia de imprevisibilidade, também presente no discurso de Marcondes Filho. Em relação a controle, reafirma o conceito de tentativa e reforça as “margens variáveis de ensaio e erro”, mostrando que a comunicação não é controlável, mas considera necessárias ações humanas, intenções de cada participante, para possibilitar a comunicação. Quanto ao último termo, a intervenção, Braga esclarece a diferença entre ação praxiológica e proposta política, como critica Marcondes Filho. Para Braga, a questão é buscar um resultado benéfico para a vida, ao invés de apenas tratar o conhecimento como algo contemplativo.

O que significa, em síntese, essa diferenciação entre as duas posições? Estamos interessados em dois objetos diferentes. Não se pode pretender que um desses objetos seja válido ou verdadeiro – e que o outro seja inválido ou falso. De minha parte, não tenho nenhuma pretensão de desqualificar o objeto constituído por Marcondes. Apenas considero que cada objeto exige determinados tratamentos, e não outros; se presta a determinadas descobertas – e não a outras. Entendo, assim, que, com preocupações relativamente próximas – a relevância do comunicacional, a especificidade desse saber – fazemos diferentes apostas, tanto no que se refere à construção de objetos reflexivos, como no encaminhamento da investigação. (BRAGA, 2012, p.40)

### **Entrevista com o autor**

Para completar o entendimento sobre a visão do autor, realizei uma entrevista por e-mail com base em textos e artigos publicados nos últimos anos. O roteiro da entrevista procura extrair do pesquisador a presença de conceitos próprios da inter-relação Comunicação e Educação que o acompanham ao longo de sua trajetória. Além disso, o debate sobre o fenômeno da Comunicação é crucial para a compreensão de sua contribuição teórica.

Para Braga, as questões da interface entre Comunicação/Educação apresentam-se ainda mais delicadas porque complexas, evidenciando as tensões do campo. Para ele, a inter-relação não pode ser harmoniosa ou sem conflito, uma vez que as áreas têm lógicas diferenciadas. Entretanto, ele considera a diversidade positiva, uma vez que a problematização é própria e saudável para o desenvolvimento do pensamento e das práticas sociais. O que o autor sugere, mais do que verificar a existência de questões delicadas, é a investigação específica para cada uma delas.

---

*Rose Pinheiro (RP): O seu livro Comunicação & Educação – questões delicadas na interface, de 2001, é referência nas pesquisas sobre as inter-relações dos dois campos. Após dez anos, as questões continuam delicadas ou houve um avanço nessa relação? As questões permanecem inalteradas?*

**José Luiz Braga (JLB):** O conhecimento estabelecido, tendo encontrado caminhos para articulação, é certamente importante para nossos processos interacionais. Podemos com isso organizar nossas práticas (entre elas, as tarefas da Educação) com alguma probabilidade de bom encaminhamento, assegurando uma qualidade crescente nas tarefas.

Mas, o já conhecido não estimula a investigação. As “questões delicadas” são sempre as mais interessantes para a pesquisa. Esta se alimenta de questões delicadas. Dificilmente aquelas que observamos em 2001 permaneceriam inalteradas, hoje: outros desafios, novas tentativas, algumas respostas satisfatórias – isso vai mudando aos poucos o quadro. Há também coisas que talvez não tenhamos percebido com clareza: embora substancialmente as mesmas coisas talvez hoje possam ser vistas com mais acuidade, mudando o quadro perceptual. Tudo é histórico.

Tive a experiência recente de revisar dois artigos, um dessa mesma época, sobre o conceito de Comunicação, e outro, pouco anterior, referente a metodologias de pesquisa, que os editores resolveram republicar, pedindo uma revisão. Nos dois casos percebi a necessidade de atualizações, de reajuste. Mudam as situações, mas também mudamos nós, nossa percepção não permanece cristalizada. Creio que Regina Calazans e eu, se revisitássemos criticamente o livro, faríamos desenvolvimentos, perceberíamos ainda outras questões.

Não creio que aquelas referidas em 2001 tenham deixado de ser delicadas: correspondem a realidades complexas que não se deixam reduzir facilmente, mesmo quando se amplia o conhecimento sobre elas. Como dissemos, no livro: são questões que se colocam na confluência de lógicas diferenciadas. Mas observo, também, que essa diversidade de visadas não é negativa – é das diferenças que o pensamento e as práticas sociais se alimentam. Correspondem a desafios dinâmicos, tanto para o conhecimento como para a própria prática comunicacional. Como fazer interagir as diferenças? Mais do que apenas perceber que temos em mãos questões delicadas, trata-se de investigar a delicadeza específica de cada questão.

*RP: Na época, você afirmou que um campo específico, como a proposta da educomunicação, não daria conta de entender e assimilar as questões decorrentes das duas abordagens. Você ainda pensa dessa forma?*

**JLB:** O comentário, no livro “Comunicação & Educação – questões delicadas na interface”, não se refere exclusivamente à Educomunicação. Dizíamos que o encontro entre duas disciplinas como Educação e Comunicação, embora gerando campos interdisciplinares nas fronteiras, continuariam trazendo novas e novas questões para a zona de interface. Assim, um campo específico interdisciplinar não poderia dar conta de todas essas questões. Em seguida, em nota de rodapé, exemplificamos com a referência à Educomunicação.

Essa proposição não corresponde a crítica ou restrição à Educomunicação – certamente uma especialidade profissional e de conhecimento relevante e produtiva. A afirmação se refere ao fato de que os dois campos de conhecimento e de ação apresentam “tendências avassaladoras”: tudo pode ser objeto de educação, assim como tudo no espaço social se torna possível e se desenvolve, mal ou bem, por processos comunicacionais. Assim, o único espaço que poderia dar conta de todas as questões que podem aí surgir seria a própria composição integral dos dois campos de conhecimento. Mas isso seria uma contradição com o próprio objetivo de desenvolvimento de “campos interdisciplinares”. Estes são desenvolvidos em função de necessidades, práticas e de conhecimento, justamente para aproveitar determinados subconjuntos reflexivos a serem postos produtivamente em relacionamento mútuo. São voltados para enfrentar determinadas questões relevantes – mas específicas.

É assim que diversos campos disciplinares específicos ganharam direito de cidade, na academia: Sociologia Jurídica, História da Arte, Bioquímica, Psicossociologia, etc. Nenhum desses campos disciplinares pode ter a pretensão de “resolver todas as questões” resultantes do encontro das disciplinas originárias, pois isso exigiria um campo supradisciplinar e não interdisciplinar.

*RP: Por outro lado, você afirma que atuar na fronteira exige um perfil profissional diferenciado. Como você imagina esse profissional?*

**JLB:** Não tenho certeza sobre essa afirmação, ou em que contexto a teríamos feito. Mas certamente, se consideramos um trabalho específico de fronteiras, voltado para questões

de relacionamento teórico-praxiológico, é bastante razoável e prudente defender a ideia de que profissionais engajados em tais enfrentamentos tenham uma formação composta por elementos desenvolvidos “nos dois lados” da fronteira. No que se refere aos aspectos propriamente de formação educacional, trata-se de assegurar um conhecimento básico das principais teorias pertinentes, dos conceitos mais relevantes de parte a parte. Mas creio também que a prática profissional e o exercício reflexivo sobre o mundo empírico são fundamentais. A experiência enfrentada vai compondo competências de articulação, de enfrentamento das tensões que inevitavelmente decorrem da tentativa de relacionar teorias e procedimentos originalmente elaborados para questões diferenciadas. Isso acaba por gerar um espaço próprio, não necessariamente recebido das áreas de referência, mas desenvolvido no próprio âmbito da interface.

Assim, um profissional de área de interface, como Comunicação & Educação, não pode ser um mero aplicador de “regras” desenvolvidas no âmbito de uma e de outra das disciplinas articuladas – deve ser antes um desbravador. A metáfora do “trabalho nas fronteiras” se ajusta aqui de modo quase literal.

*RP: Em um artigo de 2004, você propõe uma mudança de nomenclatura de Comunicação e Educação para Comunicação x Educação, por exemplo. Mas isso não acentua a ideia de embate, confronto entre os dois campos?*

**JLB:** Não se trata propriamente de nomenclatura. Apenas assinalo, pelo contraste entre “Comunicação & [interface]” e “Comunicação versus [interface]”, que o encontro de dois campos de conhecimento e de práticas sociais não deve ser visto como um espaço automaticamente harmônico, em que os conhecimentos se ajustem sem esforço e a articulação entre profissionais de áreas diferenciadas produza encaixes perfeitos e simpáticos.

Na verdade, quando reunimos tais profissionais, percebemos a dificuldade de harmonização. É fácil atribuir essa dificuldade à má vontade das pessoas ou a insuficiências organizacionais. Mas isso corresponde a considerar como causa o que é apenas efeito. Estruturalmente, quando pomos em contato conhecimentos e práticas de recorte diverso, é bastante natural que tenham dificuldade de articulação. As áreas “vêm o mundo” segundo sua perspectiva e, diante das questões a enfrentar, tendem a oferecer lógicas diversas e respostas que se contrapõem, sem dispor de processos estabelecidos para dirimir as diferenças.

---

Não propomos, é claro, acentuar a ideia de confronto. Ao contrário, penso que reconhecer as dificuldades estruturais deve ser o melhor caminho para resolvê-las.

Outro aspecto – talvez mais relevante – para a constatação, diz respeito às questões a serem escolhidas para o tratamento em comum. Se só pensamos nas questões de mais fácil sintonia, arriscamos permanecer no espaço confortável em que as duas áreas já encontraram respostas articuladoras; ou nos circunscrevemos prudentemente a áreas sem tensão. Mas perceber, nomear as questões delicadas, apreender a diversidade de lógicas disponíveis, examinar as contraposições que não podem deixar de aparecer – é o que permitirá problematizar reflexivamente as dificuldades maiores, estimulando a possibilidade de enfrentá-las, criando condições de descoberta, construindo lógicas articuladoras *ad hoc* para aquilo que se manifesta como tensão e perfil de desajuste.

É isso que se espera do trabalho nas fronteiras – e não um piquenique de confraternização, pretendidamente harmônico.

*RP: Apesar de não se dedicar especificamente à inter-relação Comunicação e Educação, os conceitos discutidos no livro de 2001 aparecem em suas outras pesquisas, como por exemplo as interações, a interdisciplinaridade, a midiatização da sociedade, os dispositivos de mediação (dispositivos interacionais?) e a própria aprendizagem. Você vê essa relação presente em suas pesquisas recentes?*

**JLB:** Tais conceitos – mais gerais – sempre me interessaram. Nesse caso, ao discutir relações entre Comunicação e Educação eles aparecem, porque seria difícil refletir sobre Comunicação sem tais perspectivas. Lembro que adotamos, no livro C&E, a perspectiva de estudar a interface pela perspectiva da Comunicação. Ou ainda, inversamente: descubro em tais características, ocorrentes na interface, processos que me parecem próprios da Comunicação. Isso se relaciona com o que comento na sua pergunta nº 7.

Os conceitos referidos rondam um grande número de abordagens sobre o comunicacional, em diferentes âmbitos. Uma das grandes linhas de abordagem da comunicação é justamente a observação das interações sociais. A interdisciplinaridade, hoje questão menos insistente, decorre daquela circunstância de todas as CHS se interessarem pelas questões comunicacionais.

---

A midiaticização é uma questão inarredável na sociedade contemporânea.<sup>7</sup> Todos os processos sociais são atravessados pela midiaticização da sociedade. Nessa conjuntura histórica, como nosso livro *Comunicação & Educação* observa, aspectos de aprendizagem se desenvolvem em espaços não controlados pelos processos propriamente educacionais. Em todas as áreas, a sociedade desenvolve suas mediações e submete seus dispositivos interacionais – educacionais e outros – à experimentação.

Podemos acionar esses conceitos no âmbito das lógicas educacionais, em busca dos processos pertinentes para a obtenção da melhor formação. Mas podemos também desenvolver tais aproximações para apreensão do que seja o fenômeno comunicacional. Aqui, não se trata de subsumir este ao educacional, mas de transferir o que se aprendeu na interface para um conhecimento mais específico do fenômeno da comunicação, esperançosamente contribuindo para a constituição da disciplina.

Correlatamente, parece-me que um aprofundamento do conhecimento comunicacional *per se* pode repercutir em proveito das disciplinas de interface, na medida em que estas atribuem relevância às comunicações que ocorrem em seu espaço de trabalho.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Maria Regina. *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. “Nem rara, nem ausente – tentativa”. *Matrizes*, ano 4, nº 1, jul/dez 2010. São Paulo: USP, 2010, p. 65-81.

\_\_\_\_\_. “Interação como contexto da Comunicação”. *Matrizes*, ano 6, nº 1, jul/dez 2012. São Paulo, USP, 2012, p. 25-41.

MARCONDES FILHO, Ciro. “Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga”. *Matrizes*, Ano 5, nº 1. São Paulo: USP, ago/dez 2011, p. 169-178.

MESSIAS, Claudio. *Duas décadas de Educomunicação: da crítica ao espetáculo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2011.

ROMANCINI, Richard. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2006.

---

<sup>7</sup> Veja meu artigo “Midiaticização como processo interacional de referência”, in Ana Sílvia Médola; Denize Correa Araújo; Fernanda Bruno (orgs.) *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*, Sulina, Porto Alegre, 2007.